

João Malato

**O destino político
de Juruna**

Os jornais cariocas estão gozando as dificuldades que o sr. Leonel Brizola e o seu partido (PDT) estão encontrando para manter, por mais quatro anos, na Câmara Federal, o deputado Mário Juruna, por cuja reeleição nenhum dos seus companheiros de agremiação se interessa, a começar pelo político que verdadeiramente o lançou em 1982, deputado Abdias do Nascimento, hoje preocupado com a sua própria reeleição, que não está fácil de conseguir diante da onda de pretendentes à Constituinte que enxameiam no seu próprio partido.

Desgastado pelas freqüentes burradas que andou fazendo no Parlamento e fora dele, a maior das quais foi o embolsamento daqueles Cz\$ 30 milhões que recebeu do empresário Calim Eid, para votar em Salim Maluf, no Colégio Eleitoral, e que só devolveu após muitos dias, depois de dramática pressão dos seus correligionários do PDT, — o intitulado cacique xavante vê-se, agora, jogado às urtigas da política, talvez sem outra esperança que não a de conseguir uma sinecura na Funai, que é a grande teta em que mamam os silvícolas mandriões. Aliás, se houvesse uma Justiça Eleitoral verdadeira neste país, ele jamais poderia ter sido eleito, pois a sua condição de tutelado, com privança dos direitos políticos, o impediria de votar e ser votado.

Se a Lei Eleitoral veda que os soldados e praças de pré cumpram o dever e o direito do voto, o que atenta com a sua condição de cidadãos perfeitamente integrados na vida nacional, — como admitir que silvícolas incultos, e sem nenhuma consciência dos princípios que regem as sociedades humanas, sejam manobrados pela demagogia partidária ao ponto de serem eleitos para a mais alta instituição legislativa do nosso país, em cujo plenário não tardam a oferecer exhibições gróticas e lamentáveis da sua incultura e da sua ignorância. Dentre as piores manifestações de Mário Juruna, da própria tribuna da Câmara de Deputados, ficou famosa aquela em que ele apostrofou hediondamente os ministros de Estado do governo João Figueiredo, aos quais chamou genericamente de “desonestos e corruptos”, e quando os ultrajados iniciavam a reação legal e penal que o tuxaua-deputado merecia, ele próprio se apressou em desculpar-se, com a alegação (aliás correta) “de que não tinha a compreensão do significado das palavras”, e que usara os vocábulos “corruptos” e “ladrões” porque julgava-os inofensivos, tantas vezes ele as ouvia pronunciar nos lugares que freqüentava, inclusive nos próprios salões da Câmara.

Juruna é originário de uma aldeia nos confins do rio das Garças, em Mato Grosso, onde conheceu o primeiro branco já na idade de 16 anos. A transição da sua cultura para o mundo dos civilizados, operou-se sob grandes atribulações, adquirindo ele uma prevenção quase congênita ao homem branco, que, para ele e para os de sua raça, é sempre um mentiroso e velhaco. Esse conceito não se modificou até hoje, quando ele convive com a sociedade branca em Brasília, e não perde oportunidade de confessar a sua incompatibilidade visceral com o elemento civilizado. Ainda hoje ele assusta a todos, no interior dos restaurantes, na hora de comer. Quando chegam os pratos com a comida, ele não espera que ninguém se sirva, e despeja-os no seu prato, inclusive as terrinas de feijoada, das quais ele se apossa, como um verdadeiro glutão. Nos demais contatos sociais, ele se porta sempre com atrevimento e deseducação, indigna de um indivíduo que tem assento no Parlamento brasileiro. Quando ele foi à Europa para participar do Tribunal das Minorias Raciais promovido por Bertrand Russel, ao desembarcar no aeroporto de Amsterdã, sentiu muito frio no seu paletó de brim, e sem pedir licença, tomou, posse com violência, o capote de um policial que lá servia, e embrulhou-se nele. O que antes era levado no Congresso, à conta de excentricidade e pitoresco, acabou por apresentar uma conotação negativa, transformando-se ele hoje, num indivíduo chato e inconveniente. Mesmo nos seus círculos partidários do Rio, Juruna é dificilmente suportado, principalmente pela sua mania de não querer pagar as suas despesas, mandando sempre que a conta “seja remetida ao Brizola”.

Pouca gente sabe que o deputado Juruna convive com duas esposas, estando uma na aldeia dos Txucarramanes, no Xingu, com a qual tem vários filhos, e a outra reside no seu apartamento de quatro quartos em Brasília, e que, embora seja quase analfabeta, figura nos altos quadros do pessoal da Funai, com uma remuneração só inferior à do presidente do órgão.

É quase certo que, no caso de Juruna não se reeleger, nas próximas eleições de novembro, como tudo faz prever, ele será contemplado com uma dourada sinecura nessa mesma Funai, que até hoje só tem servido para corromper e madracear os índios.